

Seção: Varia

Fernand Deligny e os rastros silenciosos de diferentes modos de ser humano

Fernand Deligny and the silent traces of different ways of being human

Fernand Deligny y las huellas silenciosas de diferentes maneras de ser humano

Carlos Henrique Machado¹

Resumo

Fernand Deligny, ao longo de sua trajetória, tanto em instituições francesas quanto em experiências não institucionais, dedicou-se à afirmação de modos singulares de relação com o mundo, afastados dos padrões hegemônicos que estabelecem modos de existências majoritários. Foi nas montanhas de Cévennes, contudo, em contato com crianças autistas não verbais, que ele pôde experimentar práticas voltadas ao inapreensível que permeava aquelas relações. Diante de indivíduos que se distanciavam das normas simbólicas forjadas por milênios de domesticação, Deligny propôs repensar a própria ideia de humanidade. A ausência de linguagem exigia outro regime de percepção e convivência, no qual se desfazia a centralidade da palavra como mediadora e doadora de sentido. Esse artigo propõe analisar os principais dispositivos utilizados por Deligny no lugar da interpretação linguística: a escrita, a câmera e os mapas. Através deles procurava-se dar conta do inapreensível que cercava sua relação com as crianças em Cévennes. Veremos, assim, de que modo se valorizavam os rastros silenciosos deixados no espaço e no tempo, pistas de uma presença que não se inscrevia nos moldes convencionais da subjetividade.

Palavras-chave: Deligny. Autismo. Linguagem. Percepção. Humano.

¹ Doutor em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP). Pós-doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM).



Abstract

Throughout his career, both in French institutions and in non-institutional experiences, Fernand Deligny dedicated himself to affirming singular ways of relating to the world, far removed from the hegemonic standards that establish majority modes of existence. It was in the Cévennes mountains, however, in contact with non-verbal autistic children, that he was able to experiment with practices focused on the incomprehensible that permeated those relationships. Faced with individuals who distanced themselves from the symbolic norms forged by millennia of domestication, Deligny proposed rethinking the very idea of humanity. The absence of language required a different regime of perception and coexistence, in which the centrality of the word as a mediator and giver of meaning was undone. This article proposes to analyze the main devices used by Deligny in place of linguistic interpretation: writing, the camera, and maps. Through them, he sought to account for the incomprehensible that surrounded his relationship with the children in the Cévennes. We will see how the silent traces left in space and time were valued, clues to a presence that did not fit into the conventional molds of subjectivity.

Keywords: Deligny. Autism. Language. Perception. Human.

Resumen

A lo largo de su carrera, tanto en instituciones francesas como en experiencias extrainstitucionales, Fernand Deligny se dedicó a afirmar formas únicas de relacionarse con el mundo, alejadas de los estándares hegemónicos que establecen los modos de existencia mayoritarios. Sin embargo, fue en las Cevenas, en contacto con niños autistas no verbales, donde pudo experimentar prácticas centradas en lo incomprensible que permeaba esas relaciones. Frente a individuos que se distanciaban de las normas simbólicas forjadas por milenios de domesticación, Deligny propuso repensar la idea misma de humanidad. La ausencia del lenguaje requería un régimen diferente de percepción y coexistencia, en el que se deshizo la centralidad de la palabra como mediadora y dadora de sentido. Este artículo propone analizar los principales dispositivos que Deligny utilizó en lugar de la interpretación lingüística: la escritura, la cámara y los mapas. A través de ellos, buscó dar cuenta de lo incomprensible que rodeaba su relación con los niños de las Cevenas. Así, veremos cómo se valoraron las huellas silenciosas dejadas en el espacio y el tiempo, indicios de una presencia que no encajaba en los moldes convencionales de la subjetividad.

Palabras Clave: Deligny. Autismo. Lenguaje. Percepción. Humano.

Introdução

No final da década de 1930, na França, vemos surgir o conceito de infância inadaptada. O que se passa a observar é a assunção de políticas de cuidado em relação à infância e à juventude consideradas anormais. Tal política ganha força no governo de

Vichy, durante a ocupação alemã, e irá perdurar até meados dos anos 1970. Procurou-se, então, articular os poderes médico, jurídico e educacional em torno da infância inadaptada como forma de promover a transição de um estado de completa exclusão da anormalidade, que perdurara até ali, para uma reeducação e uma readaptação dessa anormalidade com fins de aproveitamento econômico.

O conceito de infância inadaptada submete os indivíduos desviantes a um tipo de “ortopedia moral”, a partir de dispositivos de assujeitamento e subjetivação que visam conformar aqueles que estão à margem da normalidade. Se a consolidação desse conceito se deu ao longo do período autoritário da ocupação da França, o que se seguiu após os anos que ficaram conhecidos como Liberação manteve a lógica que o norteava. Como bem observa Noelle Resende:

A nova lógica de construção do campo institucional da infância e da juventude operou, portanto, uma associação entre as esferas pública e privada na gestão dos dispositivos e dos serviços destinados à observação, à classificação e ao acolhimento das milhares de crianças e jovens que passaram a ser geridos e controlados principalmente a partir da perspectiva de sua utilidade e produtividade (Resende, 2016, p. 52).

Nesse ambiente, Deligny surge no cenário francês dominado pelas discussões em torno do conceito de infância inadaptada. Durante sua trajetória, ele irá contestar os princípios que norteavam as práticas nas instituições pelas quais passou, bem como adotar novos métodos de lidar com os indivíduos considerados anormais pelos critérios médicos, jurídicos e educacionais que prevaleciam à época.

Deligny nasceu em Bergues, no norte da França, em 1913, e iniciou sua trajetória como professor de uma classe voltada para crianças com dificuldades de aprendizagem, nos arredores de Paris, por volta de 1938. Durante a Segunda Guerra Mundial, passou pelo asilo de Armentières, onde ficou responsável pelo Pavilhão 3 — voltado para crianças consideradas ineducáveis — e, em 1945, vivenciou uma experiência como diretor do COT (Centro de Observação e Triagem), onde jovens infratores aguardavam julgamento.

A partir de 1947, foi viver sua primeira experiência fora dos muros institucionais, conhecida como Grande Cordée: uma rede de atendimento para jovens infratores. Em 1965, foi convidado por Félix Guattari e Jean Oury para estar em La Borde, onde

permaneceu por dois anos. Posteriormente, foi viver sua experiência com crianças autistas não verbais nas comunidades de Cévennes, entre 1969 e 1996, ano de sua morte.

O que marca a trajetória de Deligny, em todas as suas tentativas, institucionais ou não, é a contestação das formas de normalização que procuram adequar comportamentos desviantes — comportamentos colocados à margem de um padrão majoritário de existir. Sua maneira própria de lidar com crianças e jovens inadaptados, indivíduos irrecuperáveis, perversos, meninos e meninas autistas, julgados a partir de um padrão que busca classificar seus comportamentos, o leva a contestar o modo como se procurava corrigir os supostos desvios.

Isso fazia daquela convivência uma oportunidade de explorar o potencial criativo desses indivíduos, a partir da construção de um meio favorável ao desenvolvimento de suas existências, criando circunstâncias para que as crianças saíssem dos lugares já definidos para elas. Daí ele não se sentir confortável com a atribuição de educador e preferir referir-se a si próprio como etólogo e poeta.

Um etólogo, na medida em que suas investidas buscavam opor a imagem do homem formada após milênios de domesticação a um humano fruto de um comportamento instintivo, próprio de uma espécie que vivia aquém dessa imagem; um poeta, na medida em que suas palavras revelavam a delicadeza de cada gesto inadvertido de vidas, nos termos de Azevedo, Henz e Rodrigues (2019), infames, obscuras e mudas.

Numa passagem de *Os vagabundos eficazes* (1947), ele diz:

Educadores...? Quem são vocês? Formados, como se diz, em estágios ou em cursos nacionais e internacionais, instruídos sem nenhuma preocupação prévia em saber se vocês têm no estômago um mínimo de intuição, de imaginação criadora e de simpatia com o homem; embebidos em um vocabulário médico-científico e em técnicas esboçadas; vocês, vindos em grande parte da burguesia, são largados ainda enclausurados em vocês mesmos, em plena miséria humana. E ano sim, ano não, algumas marionetes aqui, outros corais ali, testes e tretas, complexos e estatísticos, congressos e relatórios tecem uma manta de camuflagem em torno desse misterioso lixo social da infância inadaptada que morre em favelas, dá errado em casas burguesas e definha ainda mais frequentemente do que se admite nos anexos de prisão ou em estabelecimentos inumanos (Deligny, 2017b, p. 164).

A partir do conceito de infância inadaptada, a abordagem de Deligny vai assumindo, aos poucos, um posicionamento que busca conferir a essa inadaptação um caráter sociopolítico, admitindo que a única forma possível de lidar com ela seria por meio da compreensão do meio em que esses casos tiveram lugar. A partir daí, seria

possível, segundo ele, transformar esses meios e, com isso, alterar o círculo vicioso no qual aqueles indivíduos estavam encerrados.

Deligny passa, então, a interferir nos meios nos quais estava inserido, deslocando a perspectiva da ideia de um sujeito inadaptado ao mundo para a de um mundo inadaptado a esses indivíduos singulares. Seria o caso, portanto, de repensar as instituições e, junto com elas, os dispositivos de poder responsáveis por tentar conformar aquilo que era tido como inaceitável sob a perspectiva de um ideal de organização social.

Ao se deparar com a “ordem das coisas”, caberia tentar ver até onde se estende o uso inveterado desses dispositivos que nos fazem o que somos, deslocando o olhar para a posição — por assim dizer — da janela dos indivíduos desviantes. Sobre isso, ele afirma:

A exasperação de seres machucados por condições sociais intoleravelmente desonestas e as impaciências de crianças oprimidas por adultos desajeitados se exprimem através dos mesmos sinais. Quando o povo for libertado e ousar andar com seus próprios pés, a obra de arte ganhará para ele formas, cores e músicas familiares. Será preciso, por favor, libertar ao mesmo tempo as crianças e colocá-las junto de educadores de presença leve, provocadores de alegria, sempre prontos a remodelar bolas de argila, vagabundos eficazes maravilhados pela infância (Deligny, 2017b, p. 214).

A trajetória de Deligny pode ser dividida em duas fases. A primeira realiza-se por meio de experiências interinstitucionais, nas quais ele lida com os desdobramentos do conceito de infância inadaptada, atuando junto a indivíduos desviantes à margem da lei e da ordem da eficiência do corpo social. A segunda surge a partir de seu encontro com Janmari, uma criança autista não verbal, de 12 anos, que é adotada por Deligny e com quem ele irá viver uma experiência comunitária nas montanhas de Cévennes.

Nesse momento, o discurso da inadaptação ganha novos contornos por meio de uma experiência-limite que coloca definitivamente em xeque qualquer tentativa de adaptação a um modelo de normalidade social. A partir da experiência com o autismo, ele passa a realizar uma crítica radical à linguagem, entendida como aquela que é responsável pela consolidação do homem-que-nós-somos — imagem oriunda de milênios de domesticação simbólica.

Tal crítica parte de um outro tipo de registro perceptivo e levará Deligny a formular a defesa de um outro tipo de humanidade, que não se confunde com o modelo

de humano consolidado pela afirmação de um ser que passou a se distinguir das demais espécies pela capacidade de dizer a si mesmo e ao mundo ao seu redor.

Caberia, então, viver em presença próxima de crianças autistas para além das imagens nas quais os indivíduos humanos devem, mais ou menos, se reconhecer e às quais supostamente devem tender. Sobre esse modo específico de existência, Deligny escreve:

Uma centena de outros lugares, é isso que temos que traçar. A existência de uma criança autista só pode ser tecida no quadro da existência muito cotidiana, aqui e ali, de alguns indivíduos cujo modo de vida presta-se a ser esta “unidade” da qual a criança muda está, talvez, privada. Para ser esta unidade? É um longo processo de aprendizagem que nunca termina para nós. Comunicação, relação, informação, transmissão. Todas essas palavras em “ão”, é preciso filtrar e refiltrar o que as impregna de poluição cultural. O mínimo gesto pode ser um sinal para uma criança que vive fora deste uso da palavra em nós inveterada (Deligny, 2017d, p. 714).

Diante da necessidade de se apropriar das singularidades por trás de mínimos gestos, Deligny lançará mão de três dispositivos para dar conta do inapreensível que cercava sua relação com as crianças em Cévennes: a escrita, a câmera e os mapas. Essas tentativas surgem a partir da valorização do reparar em detrimento do perorar, uma vez que, por meio delas, tornava-se necessário desfazer-se das estruturas simbólicas responsáveis por conferir significados às coisas.

Se a escrita acompanha Deligny desde muito cedo, e se a câmera já havia sido utilizada por ele na *Grande Cordée* como ferramenta pedagógica, os mapas surgem da impossibilidade de comunicação decorrente da ausência de linguagem. A escrita, os mapas e a câmera tornam-se, então, dispositivos de registro dos rastros silenciosos em um território tornado comum por indivíduos vacantes da linguagem e por aqueles que se esquivavam das palavras.

Diante desse percurso, este artigo tem como objetivo analisar os principais dispositivos mobilizados por Fernand Deligny — a escrita, a câmera e os mapas — como formas de apreensão de um registro perceptivo que escapa à linguagem. Busca-se compreender de que modo tais práticas permitem acessar os rastros silenciosos deixados por modos de existência que não se inscrevem nos padrões simbólicos dominantes. Para tanto, o texto organiza-se em três momentos: inicialmente, aborda-se a escrita como prática de torção da linguagem; em seguida, analisa-se o uso da câmera a partir da noção

de camerar; por fim, examinam-se os mapas como dispositivos de rastreamento dos trajetos no espaço.

A escrita errante

Escrever foi uma prática da qual Deligny não se afastou e por meio da qual procurou marcar seu trabalho ao longo de mais de cinquenta anos. Ele se dedicou intensamente ao ofício da escrita: escrevia compulsivamente, escrevia e reescrevia textos como se pretendesse torcer as palavras para que pudessem liberar intensidades presas nas formas linguísticas. Dedicou-se a esse ofício desde o início de sua trajetória em instituições francesas.

A escrita está presente em diversas tentativas de Deligny, desde Pavilhão 3 (1944), sua primeira obra publicada, que tem como pano de fundo sua experiência no asilo psiquiátrico de Armentières. No entanto, seu encontro com Janmari, uma criança autista com mutismo severo, que Deligny adotou em 1966, reorientou por completo o modo de estruturar seu discurso e, consequentemente, seu próprio ato de escrever.

Viver a experiência cotidiana com crianças autistas², vacantes da linguagem, fazia da linguagem um tema recorrente em seus textos desse período. As palavras, àquela altura, assumiam para Deligny o papel de fixadoras de sentido, após milênios de dominação simbólica por meio da qual os homens foram construindo sua cultura e civilização. Caberia, então, flexioná-las ao ponto de extrair delas novos sentidos para além de seus significados originais.

Desse modo, ele diz:

O que salvará talvez essa espécie nossa, o que lhe permitirá escapar da órbita languageira na qual eis que ela fora lançada, será se o minúsculo fragmento de Verbo advier desse balançar onde o sentido se inverte. Imaginem a que ponto uma palavra como ponto não quer dizer nada, ao ponto que o resto persiste preludiando sob a casca maldizente, como o pingo d'água no óleo com o qual Janmari estremece só de esperar o choque. Isto dito, não é amanhã a véspera

² O autismo passou a desempenhar um papel fundamental nos traços da escrita de Deligny uma vez que o traçado autista no infinitivo o inspirava, sendo a sua linguagem, aos poucos, tomada pelos desvios que tentam seguir as linhas de errância daqueles indivíduos sobre o território. Tratado à princípio como um subgrupo da esquizofrenia infantil, o autismo começava a figurar como um distúrbio com sintomas próprios a partir da obra de Leo Kanner intitulada “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo”, em 1943. Na sequência, em 1944, Hans Asperger escreve o artigo “A psicopatia autista na infância”. Contudo, somente no final da década de 1970 é que o autismo passa a ser reconhecido como uma condição específica.

do dia em que os caracteres no quadrante onde gira a sombra do estilo – tal é o nome da haste lá fixada – farão girar a terra no outro sentido. Será necessário, sem dúvida e sempre, desesperadamente, alguns que aí se encontrem à deriva, como se eles tivessem perdido o entendimento, qualquer que seja o instituído proclamado, para que a hipocrisia pretensiosa do verbo reinante apareça para quem nele se fia. Por isso eu escrevo (Deligny, 2017d, p. 704)

As experiências de Cévennes serviram, cada vez mais, a um tipo de escritura que pretendia denunciar a constelação de padrões hegemônicos que sustentavam o enquadramento nas normas. Se a infância inadaptada ocupava o espaço das primeiras tentativas de Deligny, a inadaptação às normas linguísticas de indivíduos fora da linguagem determinou o que se seguiu em sua produção textual a partir do final da década de 1960. “Deleguei à minha mão a tarefa de traçar o que acontece com esta chamada linha de errância quando se verifica que os seus gestos e percursos nos escapam, quero dizer, escapam a nós, os conscienciosos” (Deligny, 2017d, p. 688).

Por meio de seu traçar, Deligny passou a perseguir algo vinculado ao comum experimentado pelas crianças autistas, presente nos traços dos mapas produzidos pelas mãos das presenças próximas³, e que não fosse da mesma natureza daquilo que era conferido pelo uso da linguagem. Estar próximo, ao ponto de essa presença constituir uma delicadeza, não implicava preencher a ausência de palavras com significados ocultos; tratava-se de estar próximo o suficiente para traçar linhas que nada queriam dizer, mas apenas revelar o percurso dos corpos no espaço.

A manifestação daqueles indivíduos sem linguagem não se dava como resposta a nenhuma palavra. Indiferentes ao serem chamados por um nome, viviam uma relação direta com as coisas, não mediada por qualquer função simbólica. Deligny, então, esforçava-se para descrever esses modos de vida, deixando-os emergir por entre as palavras que utilizava, com o cuidado de um artífice que esculpe a pedra bruta. Assim, liberava a palavra de sua função original de domesticar o mundo e ditar o que se deixa ver a partir do que ela representa simbolicamente.

As palavras passavam a funcionar como sinais sensíveis — intensidades que não informam, mas percorrem o espaço deixando marcas, rastros de sua passagem. É assim que devemos lê-lo: seguindo marcas que não se confundem com os significados claros da

³ *Présences proches* era como Deligny se referia aos adultos languageiros que conviviam com as crianças autistas. Eles não eram especialistas, médicos ou educadores profissionais, mas pessoas que optaram em dividir com ele aquele projeto.

linguagem. Enquanto os significados duplicam uma realidade percebida, os sinais sensíveis são afetos gerados quando estímulos atravessam os corpos; vestígios do real ou traços do mundo ao redor de indivíduos que vivem fora da fala. Rompem-se, então, os contratos estabelecidos ao longo de milênios, por meio dos quais se forjaram percepções orientadas pela função simbólica, na qual a palavra reina entre seus súditos.

Importa desfazer-se da tagarelice que reproduz o mundo por meio de símbolos que o saturam de significados, uma vez que “a palavra passou a se relacionar conosco ao longo do caminho para se tornar um parasita reinante” (Deligny, 2017d, p. 756), e desconstruí-la para retirar dela a poeira de milênios de domesticação — uma cadeia que prende aqueles lançados na linguagem desde o nascimento. Para tanto, é preciso evocar a equivocidade como elemento fundamental, capaz de livrar as palavras do peso da exatidão dos significados.

Trata-se de libertar as palavras de seu destino de fixar sentidos e identidades, fazendo delas uma abertura por onde brotam linhas de errância que conduzem a lugares de silêncio — lugares suficientemente silenciosos para que se possa ouvir algo além dos ecos das vozes que insistem em dizer o mesmo. Trata-se de produzir fissuras na estrutura do significado, falhas ao longo da palavra erguida, capazes de transformá-la em restos de construções milenares. Desse modo, caberia escrever sempre na perspectiva de quem torce as palavras para extrair delas aquilo que escapa à precisão da sintaxe.

Para além do hábito de falar, existem regiões inapreensíveis às palavras em sua função simbólica. Não há palavra que descreva tais dimensões, pois, para alcançá-las, seria necessário forçar as palavras a entregar mais do que significados. Seria preciso permanecer à espreita do vacilo dos significantes, quando deixam de cumprir sua função representativa. Isso implica subverter a ordem dos conceitos para liberar a percepção do jugo da instância proposicional.

Considerando que nem todo conteúdo da experiência perceptiva é conceitual — ou seja, que nossos pensamentos podem se direcionar ao mundo para além da estrutura conceitual do entendimento —, desfaz-se a ideia, comum às teorias conceitualistas, de que a possibilidade de um juízo de experiência pressupõe necessariamente um conteúdo mental conceitual. O que se delineaia, ao contrário, é um tipo específico de registro perceptivo.

Se, por um lado, temos o princípio de que todo conteúdo mental conceitual se liga às capacidades lógico-proposicionais, expressas por representações descritivas que visam

categorizar, classificar, discriminar e identificar coisas, bem como fornecer informações objetivas e linguisticamente transmissíveis, por outro, haveria um registro perceptivo que escapa a essa cadeia simbólica.

Pensar que a percepção está organizada a partir de uma estrutura conceitual implica admitir que as capacidades que operam no engajamento perceptual ordinário com o mundo estão relacionadas à racionalidade de um sujeito cuja vida ativa é conceitualmente moldada. Desse modo, excluir-se-ia a possibilidade de os animais humanos se engajarem em estados representacionais não conceituais perante o mundo, uma vez que “seres humanos maduros e normais são animais racionais” (McDowell, 2005, p. 147).

No entanto, quando nos damos conta de que certos indivíduos humanos não compartilham a capacidade de representar o mundo a partir de conteúdos mentais conceituais, torna-se necessário buscar outros modos de percepção para além dos conceitos.

A experiência com o autismo levou Deligny a buscar um outro registro perceptivo, uma vez que, para aqueles indivíduos com quem convivia, o mundo não era apropriado por meio da função exercida pela linguagem. Caberia, então, compreender como certos indivíduos exercem outra forma de relação com a realidade ao seu redor e como essa relação engendra um novo registro perceptivo.

Deligny denomina perorar o infinitivo-mestre que opera no campo do simbólico e está diretamente ligado à linguagem. Em contrapartida, denomina reparar o infinitivo-mestre que exerce uma função distinta. O perorar está vinculado à consciência linguística e a um fazer intencional, enquanto o reparar se liga a referências espaciais que dão origem a um agir sem finalidade.

O perorar associa-se a um tipo de memória que se forma a partir do aprendizado e que visa a um trabalho útil, o que Deligny denomina memória étnica. Diferentemente, o reparar relaciona-se a uma memória específica, chamada por Deligny de memória da espécie, alimentada por esse reparar — entendido como resultado do encontro de indivíduos silenciosos com o mundo, no qual o modo de vida simplesmente se faz. Trata-se de partir de uma relação direta com as coisas, sem a mediação da linguagem, em que o agir não se orienta por um projeto previamente pensado. “O agir, a bem dizer, não tem finalidade, não tem porto, se o porto evoca o projeto daquilo a que se tem de chegar” (Deligny, 2018a, p. 239).

Se o homem-que-nós-somos⁴ faz uso do perorar e se orienta pela memória étnica para conduzir suas ações e alcançar objetivos, os indivíduos vacantes da linguagem, cuja humanidade passa pela constituição de uma memória específica, apoiam-se na função de reparar aquilo que está à sua volta, alimentando um agir sem finalidade, sem projeto e sem direção previamente estabelecida.

Escrever, para Deligny, torna-se, assim, um dispositivo capaz de detectar o rastro intensivo que atravessa as palavras; por isso, deveria fazer com que elas estivessem prontas a revelar um registro perceptivo distinto.

A caminho da imagem

Em *A caminho da imagem* (1982), clara referência ao texto de Martin Heidegger intitulado *A caminho da linguagem* (1959), Deligny compara a imagem a gansos selvagens que, em certos momentos, são domesticados pela intencionalidade e sobrecarregados de significados, tornando-se, então, como gansos domesticados. Esse novo tratamento da imagem implicava também um novo tratamento da câmera, dando origem à expressão utilizada por ele para substituir o filmar: o camerar, infinitivo que busca subtrair das imagens qualquer traço representativo.

Camerar seria um modo não intencional de filmar, a partir do qual as imagens exercem seu próprio poder sobre a câmera e mantêm sua autonomia, em contraste com um filmar orientado por um projeto previamente concebido. Trata-se de evacuar toda intencionalidade do ato de captar imagens, deixando que aquilo que é registrado pela câmera se imponha, de modo que a imagem prevaleça com a mesma força das coisas, não como seu duplo representativo, mas sem interferência ou mediação.

Se a experiência com as imagens já ocupava um papel relevante nas tentativas de Deligny desde a Grande Cordée, foi em Cévennes que ela adquiriu um sentido particular, à medida que a convivência ali estabelecida ganhou uma nova gravidade. Isso pode ser percebido na carta de Deligny a Louis Althusser, de setembro de 1976, na qual ele afirma:

⁴ Homem-que-nós-somos é uma expressão cunhada por Deligny para definir a imagem formada por milênios de domesticação simbólica e que define um padrão criado pela cultura e pela linguagem. De saída, a expressão é uma crítica ao modo como a linguagem e a cultura moldaram um padrão subjetivo e um modelo de humanidade que deixou de fora uma série de indivíduos que não se conformam a ele. O que Deligny pretende é reinscrever o humano fora do espectro do sujeito e da linguagem, dando conta dos indivíduos autistas com os quais conviveu em Cévennes, vacantes da linguagem, mas aos quais a humanidade não pode ser negada

“Qual é o objeto da nossa prática? Esta ou aquela criança psicótica? Certamente não. O verdadeiro objeto a ser transformado somos ‘nós’, ‘nós, aí’, próximos desses ‘sujeitos’ que, a rigor, dificilmente são sujeitos” (Deligny, 2018b, p. 565).

Assim, caberia fazer desaparecer as intenções e o ponto de vista de quem está por trás da câmera. De saída, isso afastava o risco de reduzir a realidade a uma única perspectiva pessoal. Opondo a noção de ponto de vista (*point de vue*) à de ponto de ver (*point de voir*), Deligny buscou resgatar um registro perspectivo dessubjetivado, capaz de exprimir o mundo por meio de outras perspectivas que não a do sujeito da linguagem — o mundo visto por indivíduos que não falam, mas que veem e agem.

O ponto de ver dessubjetivado permite que o indivíduo se coloque nessa mesma perspectiva silenciosa, de modo que o mundo se abra de forma não mediada, a partir da persistência de cada coisa no espaço. Ele capta aquilo que é refratário às formas dominantes e convencionais de apreensão do entorno, permitindo vislumbrar o real com o peso próprio de cada coisa em seu lugar, resistindo a toda significação.

O que se tem, então, são imagens livres de sua domesticação, como a grama que cresce à beira da estrada ou como gansos selvagens que mantêm seu ímpeto de voo e ainda não foram submetidos à lógica da alimentação forçada — imagens isentas da exigência de significar segundo intenções prévias. “Enquanto Heidegger caminha em direção à fala, o caminho caminha ao lado do ‘movimento’. Agir com uma imagem é um movimento, e um movimento cujo resultado não são palavras” (Deligny, 2017g, p. 1687).

A imagem perseguida por Deligny aproxima-se de gestos que seguem seu curso como ervas daninhas que brotam sem projeto ou finalidade — produto de um camerar que mantém a persistência originária das coisas em um ponto de ver que as prolonga, permitindo sua existência. “Se o real é aquilo que escapa à linguagem, certos aspectos dele podem aparecer em imagens” (Deligny, 2022, p. 79).

O que se pretendia, com esse novo uso da câmera, era escapar da função que originalmente lhe era atribuída, rompendo o pacto tácito entre quem filma e quem assiste ao filme. Para ilustrar a diferença entre camerar e filmar, Deligny cita *Le moindre geste*, filme cuja montagem foi concluída em 1972, no qual os personagens deambulam pelo território de Cévennes e em que, a certa altura, um deles cai em um buraco escuro e, a partir desse momento, deixa de ser capturado pela câmera.

Aqui se vê a diferença entre trabalhar com câmera e fazer um filme. Esta última seria uma questão de fornecer os meios para iluminar o fosso para que se pudesse acompanhar a história e ver os personagens, enquanto com o camerar faltam os meios, ou quase isso. Ou seja, além do instrumento, a câmera de vídeo que permite 'esvaziar' (*vider*) sem muita preparação (Deligny, 2022, p. 80).

Assim, as imagens produzidas pelo camerar não seriam dependentes da intenção do realizador, figurando como um puro apresentar-se do real, tal como as estrelas no céu, que estão sempre lá, na hora e no lugar certos. Assim como sua escrita, marcada pelo uso de infinitivos, as imagens concebidas por Deligny fugiam do excesso de intenção, e o camerar pode ser comparado a uma dragagem, na qual as pás raspam o fundo e, ao emergirem à claridade da luz solar, trazem sempre algo novo diante dos olhos. Trata-se de permitir que as imagens surjam, assim como se permitia que aquelas crianças existissem ali, afastadas da intenção e de qualquer projeto previamente pensado.

Como as crianças autistas, a câmera era atraída por tudo o que acontecia ao redor, como uma errância silenciosa que, em vez de um fim determinado, tinha o agir como seu próprio pretexto. Fora da unanimidade de um ponto de vista, era preciso ir além, até alcançar um ponto de ver que não fosse mais o de quem olha — visando e fixando os objetos que pretende perceber —, mas que se configurasse como uma abertura por onde a imagem se afirmasse por si mesma.

Existiria a realidade, ou aquilo que pode ser visto, e existiria o real. O real, no entanto, não pode ser visto, uma vez que se apresenta como um infinitivo que passa diante dos olhos. Registrar e reproduzir esse infinitivo seria, então, o papel do camerar.

Camerar, para Deligny, era como escrever. Sem pretender comunicar ou informar, ele buscava uma escrita errante, sempre nos desvios onde as palavras faltam ou sobram, na tensão das pausas que fazem o pensamento saltar sem o apoio das representações claras e distintas. Ele perseguia o ininteligível, o inapreensível, a ausência de sentidos fixos, de modo a liberar continuamente novas possibilidades — ritornelos escorregadios que fazem saltar em um “zigzag” de um significado sempre ausente.

Esse tipo de registro parece implicar um compromisso com o inapreensível, ou com aquilo que insiste em não se manifestar nas formas fixas da linguagem. Disso decorre o paradoxo de tentar descrever, por meio da linguagem ou da imagem, aquilo que existe antes de qualquer forma linguística. Para dar conta disso, é preciso recorrer ao infinitivo do acontecimento, que apaga o sujeito e libera o verbo em seu devir. Fernand Deligny,

em seu modo de escrever e camerar, procurava descarrilar palavras e imagens de seus trilhos habituais, permitindo que delas emergissem expressões intensivas.

Os mapas intensivos

Jacques Lin (2007), uma das presenças próximas, relata que, diante da crise de uma das crianças, procurou Deligny, que o aconselhou a não intervir, mas a se afastar e passar a registrar seu movimento no território. É nesse contexto que surge a cartografia como tentativa de reproduzir os vestígios da relação entre indivíduos que ocupavam um território comum.

Nos mapas, estavam presentes tanto o fazer dos indivíduos languageiros quanto o agir dos indivíduos autistas. A questão principal era perceber de que modo o fazer permitia que o agir irrompesse e assumisse os contornos de um agir para nada, atravessado por desvios que liberavam linhas de errância. Os mapas eram feitos em papel vegetal, nos quais se grafavam traços que se prolongavam pelas áreas de convivência (*aire de séjour*), descrevendo os gestos, atitudes e deslocamentos das crianças, bem como a presença dos adultos e a localização dos objetos.

Tratava-se de capturar os vestígios daquilo que não podia ser traduzido em palavras, dando a perceber o ponto de ver daqueles que erram em silêncio pelo território. Os mapas constituem, assim, um modo de evacuar o espaço de sua saturação linguística, libertando-o das significações que embotam os sentidos e permitindo localizar (*repérer*) aquilo que permanece imperceptível aos seres languageiros.

Como Deligny define em *Le croire et le craindre* (1978): “Essa prática de guardar traços em uma folha transparente, de modo que possa aparecer, em filigrana, o que, do visível, não pode ser visto, tanto o aparelho a ver se confunde com o aparelho à linguagem” (Deligny, 2017e, p. 1181).

O traço era a expressão de um rastro e permitia que o espaço fosse apreendido não na dimensão do significado de cada coisa nele disposta, mas na perspectiva de quem se relaciona com cada uma delas, no silêncio de gestos mínimos — inadvertidos, errantes e insondáveis.

Como bem observa Marlon Miguel:

A cartografia segue um caminho contrário e funciona segundo um princípio de exposição ‘simples’: procura ver-descrever-exibir como a criança funciona no espaço – como esta criança interage com espaço? Que viagens ele faz? Com quais objetos ele se relaciona e como? Em que consistem suas ações? Qual é a sua qualidade de movimento? Em que circunstâncias eles são acionados? A suspensão do conhecimento não é a busca de um conhecimento totalmente neutro, porque implica partir de um espaço fabricado, instalado, situado. Trata-se antes de uma busca (que é um horizonte e nunca um fato consumado) que visa neutralizar a ação do adulto, do sujeito “normal” falando sobre a criança “anormal”, ação que tenderia a assimilar o criança autista e querendo normalizá-la. (Miguel, 2020, 156).

Traçar em vez de dizer, traçar em vez de fazer: traçar como forma de rastrear. Deixar emergir a imagem que permanece oculta a olhos carregados de símbolos, “onde a peregrinação de uma criança sem futuro se dá entre o cotidiano que aos poucos se tece e o passado que sobe do traço à superfície do ver” (Han, 2006, p. 186).

Por meio dos mapas, era possível perceber o modo como cada coisa se apresentava àqueles indivíduos desprovidos de palavras para descrever sua importância. A partir daí, tornava-se possível dispor o espaço de modo a fazê-lo um lugar comum, para além do peso do simbólico. Restam, então, os sinais que não podem ser capturados pelos anteparos ordinários que refletem os impulsos sensíveis.

Tais sinais só podem ser rastreados, pois não se confundem com signos e, por isso, ligam-se diretamente a situações fora da dimensão significativa. São sinais ininteligíveis, vinculados a referências espaciais, e não a significados discursivos. Tratava-se de rastrear trajetos no espaço, localizar o movimento dos corpos em uma relação que privilegia o *repérer* em detrimento da fala.

Não havia nada a interpretar, uma vez que cada traço não representava uma mensagem cifrada, mas o rastro de gestos no espaço: gestos inacabados, gestos para nada, pura expressão de corpos que vibram a céu aberto. Esses gestos eram descritos nos mapas de forma simples, sem investimento em qualquer intervenção corretiva, pois todo esforço se voltava para seguir as linhas em seus trajetos, “onde não há lugar para nenhum objeto, não há significado, nem para cima ou para baixo, nem indício de uma mensagem ou chave de leitura, nenhum vestígio da passagem de um olhar signifiante” (Han, 2006, p. 189).

A cartografia deve ser compreendida também como resposta à necessidade das presenças próximas de apaziguarem sua própria ansiedade diante daqueles indivíduos silenciosos. Não havia nela qualquer pretensão de decodificar sinais ou perscrutar o significado de cada gesto. Os mapas registravam trajetos de linhas — linhas costumeiras e linhas de errância.

Eles grafavam o movimento das crianças mudas em suas atividades cotidianas ao lado dos adultos languageiros, bem como os momentos em que essas linhas escapavam em sua errância (*lignes d'erre*), atraídas por pontos no espaço que as desviavam de seu percurso inicial (*chevêtre*).

Sem preencher o espaço do papel com significados, os traços constituíam-se como tendências que assumiam uma gravidade a-significante e a-subjetiva. Tratava-se de indivíduos que, ao não fazerem uso das palavras, estruturavam-se por meio de um corpo que proliferava uma dimensão para nada em sua relação com um meio progressivamente organizado, à medida que os traços se articulavam nos mapas.

Os mapas operavam, assim, uma mudança no ponto de vista dos adultos languageiros, numa tentativa de colocá-los na posição do ponto de ver da criança autista — um olhar sem objeto definido, uma espécie de janela por onde o mundo não cessava de atravessar.

Durante anos nós traçamos mapas, tentativas esboçadas de diferentes maneiras de guardar traços de linhas d'erre (trajetos 'livres') de crianças autistas em estadia junto a nós. Esses traços, vistos e revistos, modificaram nosso ponto de vista em relação a elas. Era evidente que entre esse ponto de vista nosso, e o PONTO DE VER delas, a diferença era marcante...Esse 'norte' que se trata de não perder de vista pode se dizer humano, se nós compreendemos aí toda coisa diferente dos produtos aparentemente variados elaborados pela ideologia... A vacância da linguagem, presente no que concerne às crianças que chegam para estadia aqui, permite evocar que haveria um indivíduo não sujeito (Deligny, 2017e, p. 1147).

Considerações finais

Miguel, em seu artigo intitulado *Un monde d'archives: Fernand Deligny et les pratiques du langage expositif* (2017), defende a ideia de que a crítica de Deligny se dirige a um tipo de linguagem interpretativa, à qual contrapõe aquilo que denomina linguagem expositiva. Essa linguagem se estruturaria a partir da noção de arquivo, isto é, de tudo aquilo que Deligny produziu ao longo de suas diversas tentativas e que perdurou nos regimes de registro da escrita, dos mapas e da câmera.

Tudo isso opera como dispositivos que registram e prolongam os vestígios de uma relação feita de velocidades e lentidões, prescindindo de qualquer tentativa de significação. Trata-se de algo como a reprodução de um reparar (*repérer*) que se transforma em escrita, traço ou imagem. Nesse ponto, a ideia pode ser aproximada do que

Deligny descreve nos *Cahiers de la Fgéri* (1968) como “linguagem não verbal”, sobretudo quando se considera que o conteúdo de tal linguagem se constitui por meio de sinais que revelam uma matéria distinta daquela da linguagem interpretativa.

A noção de uma linguagem não verbal parece ter marcado o início das tentativas de Deligny junto às crianças autistas. Independentemente do que ele pretendia designar com esse termo, é possível supor que tal linguagem se vincula sobretudo àqueles que convivem com indivíduos vacantes da linguagem, e não propriamente a estes últimos. A linguagem expositiva, como denomina Miguel (2017), resultaria, assim, do uso de dispositivos de captura dos rastros deixados no território pela convivência entre indivíduos mudos e indivíduos languageiros, sendo fundamental para a constituição de um comum em Cévennes, capaz de dar conta de um registro perceptivo aquém das estruturas simbólicas.

No fundo, tais tentativas revelam o desespero dos seres languageiros, sempre inclinados a buscar sentido e a atribuir razões a toda e qualquer ação. O ímpeto de comunicar suas urgências e tudo aquilo que os cerca, tal como descrito por Nietzsche no aforismo 354 de *A gaia ciência* (1882), parece estar na origem da ideia de uma linguagem não verbal que pudesse dar conta da relação com aquelas crianças.

Com o tempo, Deligny percebeu que a tentativa de nomear essas referências mantinha os seres languageiros encerrados em seu próprio mundo, ainda submetidos ao domínio do perorar. O risco, então, era a perda do infinitivo do repérer, o que ocorre sempre que a linguagem se “intromete”.

Em uma passagem de *Quand le bonhomme n’y est pas* (1978), Deligny lamenta que a “constelação de pontos nomeados” (Deligny, 2018a, p. 219) com a qual passou a trabalhar tenha se tornado uma “desventura inelutável”, deslocando o real⁵ para um lugar indeterminado. Esse risco se intensificou à medida que os mapas se tornaram obsoletos, em razão de um “uso errôneo de uma prática bem estabelecida”, revelando a tendência ao semelhante que marca a lógica do espelho (Deligny, 2017f, p. 1512).

Diante disso, Deligny reconhece a importância de uma crítica radical da linguagem como instrumento, de modo a permitir uma perspectiva de ver esvaziada de

⁵ É importante ressaltar que a noção de Simbólico e Real para Deligny conversa com a distinção efetuada por Lacan. Deligny é um leitor de Lacan e algumas de suas observações tem por referência o pensamento lacaniano onde o Real seria da ordem daquilo que não pode ser formulado por palavras, algo do mundo físico e orgânico, e o Simbólico seria da ordem do discurso, da linguagem e da formação do sujeito.

peso simbólico, na qual o rastro possa ser exposto como expressão intensiva, para além de qualquer discurso. Torna-se, então, necessário afastar-se da tentação de significar o agir daqueles que não podem dizer o que lhes acontece. Restam, assim, os vestígios de sua presença no mundo: linhas costumeiras e linhas de errância, inscritas, traçadas ou cameradas no território.

Tais registros não dão acesso a nenhum projeto previamente concebido. Como afirma Deligny: “O traçar pode ter estado e ainda está sobrecarregado com um projeto (...) isto pode ser verdade para o homem; este não é o caso dos humanos, para quem o traço acontece como os dedos da mão; onde o porquê desaparece” (Deligny, 2017e, p. 1489). Esvaziar o registro de toda intencionalidade é, portanto, condição para que o rastro produza um efeito capaz de sustentar um viver junto em um território comum. “Esta busca não tem outro interesse senão indicar que as linhas errantes são de fato vestígios de uma relação, mesmo que apenas com a água e os caminhos apagados” (Deligny, 2017e, p. 1494).

Tratava-se, assim, de rastrear o movimento dos indivíduos no território em sua interação viva com o ambiente, colocando em evidência aquilo que é percebido quando a linguagem não exerce sua função de domínio significativo. Libera-se, desse modo, o querer dizer que acompanha as intenções do homem-que-nós-somos, abrindo espaço para o silêncio diante dos significados, uma vez que os rastros não constituem expressões discursivas, mas antes sulcos que se abrem sobre superfícies desgastadas pelo uso.

Longe dos significados, restam as intensidades de corpos que se abrem ao mundo e deixam nele a marca de sua passagem. Aponta-se, assim, um caminho que nos afasta da tentação de capturar o mundo por meio de modelos padronizados, consolidados ao longo de milênios de domesticação dos seres de linguagem. Trata-se não apenas de uma radicalidade crítica, mas também de uma abertura estética, uma preocupação ética e uma prática política que nos permite habitar o mundo de modo singular, em relação com suas diferenças e modos próprios de existência.

Nesse sentido, o conjunto dessas práticas — longe de constituir um método no sentido tradicional — aponta para uma experimentação contínua com os limites da linguagem e da percepção. Trata-se menos de propor um novo modelo explicativo e mais de sustentar um deslocamento do olhar, capaz de acompanhar aquilo que se apresenta fora das estruturas de significação. É precisamente nesse deslocamento que os

dispositivos mobilizados por Deligny ganham sua força, ao permitirem não a interpretação dos gestos, mas sua permanência enquanto rastros.

Foi essa força que nos propusemos explicitar ao longo deste artigo, a partir da análise dos dispositivos mobilizados por Fernand Deligny — a escrita, a câmera e os mapas — como formas de acesso a um registro perceptivo que escapa à mediação da linguagem.

Foi possível observar que tais práticas não operam no campo da interpretação, mas no da exposição de rastros, permitindo acompanhar modos de existência que não se deixam capturar pelos esquemas simbólicos dominantes. Nesse sentido, a escrita errante, o camerar e a cartografia intensiva constituem estratégias que deslocam o olhar do sujeito linguageiro, abrindo espaço para um outro regime de percepção.

Ao retomar essas experiências, evidencia-se que a crítica de Deligny à linguagem não implica sua rejeição pura e simples, mas a busca por modos de registro capazes de preservar o inapreensível sem reduzi-lo a significado. Assim, os rastros silenciosos deixados no espaço e no tempo tornam-se não apenas objeto de análise, mas condição para a construção de um comum que não se funda na comunicação, mas na coexistência.

Desse modo, o percurso aqui desenvolvido permite afirmar que os dispositivos analisados não apenas registram tais modos de existência, mas instauram uma ética e uma política do convívio, nas quais o humano é pensado para além dos limites impostos pela linguagem e pela normatividade.

Referências

AZEVEDO, Adriana; HENZ, Alexandre; RODRIGUES, André. Pesquisar no lugar infame, obscuro e mudo. In: MENDES, Rosilda; AZEVEDO, Adriana; FRUTUOSO, Maria (org). *Pesquisar com os pés: deslocamentos no cuidado e na saúde*. São Paulo: Hucitec Editora, 2019.

DELIGNY, Fernand. Pavillon 3. In: DELIGNY, Fernand. *OEuvres*. Paris: L'Arachnéen, 2017a.

DELIGNY, Fernand. Les Vagabonds efficaces. In: DELIGNY, Fernand. *OEuvres*. Paris: L'Arachnéen, 2017b.

DELIGNY, Fernand. Cahiers de la Fgéri. In: DELIGNY, Fernand. *OEuvres*. Paris: L'Arachnéen, 2017c.

DELIGNY, Fernand. Nous et l'innocent. In: DELIGNY, Fernand. *OEuvres*. Paris: L'Arachnéen, 2017d.

DELIGNY, Fernand. Le croire et le caindre. In: DELIGNY, Fernand. *OEuvres*. Paris: L'Arachnéen, 2017e.

DELIGNY, Fernand. Traces d'être et Bâtisse d'ombre. In: DELIGNY, Fernand. *OEuvres*. Paris: L'Arachnéen, 2017f.

DELIGNY, Fernand. Acheminement vers l'image. In: DELIGNY, Fernand. *OEuvres*. Paris: L'Arachnéen, 2017g.

DELIGNY, Fernand. Quando o homenzinho não está (ai). In: DELIGNY, Fernand. *O aracniano*, São Paulo: n-1, 2018a.

DELIGNY, Fernand. *Correspondance des Cévennes*: 1968-1996, Paris: L'Arachnéen, 2018b.

DELIGNY, Fernand. Miscreating. In: MIGUEL, Marlon. *Camering: Fernande Deligny on cinema and the image*. Leiden: Leiden University Press, 2022.

HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2003.

HAN, Beatrice. *Deligny et les cartes*. Multitudes 24, Prientemps 2006.

ASPERGER, Hans. Die Autistischen Psychopathen' im Kindesalter. *Archiv für Psychiatrie und Nervenkrankheiten*. 117, p. 76-136, 1944.

KANNER, Leo. Autistic disturbances of affective contact. *Nervous Child*, 2, p. 217-250, 1943.

LIN, Jacques Lin. *La Vie de radeau, le réseau Deligny au quotidien*. Paris: Le mot et le reste, 2007.

MCDOWELL, John. *Mente e mundo*. São Paulo: Ideias & Letras, 2005.

MIGUEL, Marlon. Un monde d'archives : Fernand Deligny et les pratiques du langage expositif. Paris: *Marges* 25(25):120-137, 2017.

MIGUEL, Marlon. Cartes, objets, installations: le problème de l'art dans la pensée et dans la pratique de Fernand Deligny. *La Part de l'Oeil*, 33/34, 2020.

NIETZSCHE, Friedrich . *A gaia ciência*. Lisboa: Guimarães Editores, 2000.

RESENDE, Noelle. *Do asilo ao asilo, as existências de Fernand Deligny: trajetos de esquivas à instituição, à Lei e ao sujeito*. Tese (Doutorado em Direito) - Programa de Pós-Graduação em Direito do Departamento de Direito da PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2016.

Recebido em: 13/08/2025.

Aprovado em: 05/05/2026.

Publicado em: 24/06/2026.